

LUCAS 13.6-9

I. SIGNIFICADO DO TEXTO EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO IMEDIATA

No bloco **cap.12.1 – 13.9**, Lucas narra discursos de Jesus recheados de **advertências**, admoestações, avisos e confrontos. Estes discursos são dirigidos aos discípulos e às multidões.

1. *Aos discípulos:*

- A. Advertência contra a **hipocrisia** dos fariseus (12.1-3)
- B. Advertência contra o **temor de homens** (12.4-7)
- C. Confronto em favor da **confissão** de fé genuína e contra a **blasfêmia** (12.8-12)

2. *Às multidões:*

- A. Aviso contra a avareza (12.13-21)

3. *Aos discípulos:*

- A. Advertência contra o **desespero** pelas coisas da vida e em favor da **primazia** do Reino de Deus (12.22-34)
- B. Estímulo à **vigilância** (12.35-40)
- C. Advertência contra a **hipocrisia** no discipulado (12.41-48)
- D. Confronto à **percepção** do ministério de Jesus (12.49-53)

4. *Às multidões:*

- A. Advertência contra a **hipocrisia** na percepção da época (12.54-59)
- B. Confronto ao **arrependimento** (13.1-9).

É perceptível, ao longo deste bloco, que o autor demonstra o foco de Jesus em **preparar os discípulos** e **confrontar às multidões** a uma resposta ao seu chamado e à realidade do Reino de Deus, sem, porém, isentar os discípulos da necessidade de uma fé genuína.

Algumas palavras e expressões se repetem mostrando bem esta relação. Os fariseus são chamados de **hipócritas** (12.1), assim como a multidão (12.56), os discípulos, porém, são exortados *a não serem hipócritas*, após Pedro perguntar a Jesus se a parábola da vigilância era apenas para os discípulos (12.41). Jesus responde, e Pedro descobre que se eles não

tiverem uma **fé genuína**, a relação que eles têm com Jesus lhes trará grandes danos (12.41-48).

Neste contexto de **hipocrisia**, os discípulos são convocados a **não temerem**. Não devem temer os homens (12.4), antes, porém, a Deus (12.5), o que implica em uma confissão de **fé genuína** (12.8,9). Da mesma forma, **não devem temer** condições precárias de vida, falta de conforto ou bens. “A vida de um homem não consiste na abundância dos bens que ele possui” (12.15), disse Jesus às multidões. Porém, em seguida, disse aos discípulos a mesma coisa, porém de forma diferente: “não andeis ansiosos pela vossa vida... Não andeis, pois, a indagar o que haveis de comer ou beber e não vos entregueis às inquietações” (12.22b,29). Qual a razão? Eles foram agraciados com o reino de Deus, este é o tesouro maior deles, a segurança e alegria plenas, por isso devem buscá-lo em primeiro lugar (12.31). Mas, a multidão, de onde veio o questionamento sobre os bens (12.14), ouve uma parábola em que um homem rico é chamado de **louco** por sua avareza (12.20).

Assim, da multidão surgem pessoas hipócritas e avarentas, muito semelhantes aos gentios e aos fariseus, e quanto a isto os discípulos precisam se cuidar. Como exemplo desta hipocrisia, alguns foram a Jesus falar de ocorridos terríveis Galileia, porém com um toque de *superioridade, teologia retributiva e confiados em justiça própria*. Jesus deixa claro, seja no caso da morte dos galileus (13.1) ou na Judéia, com a queda da torre de Siloé (13.4), que aqueles homens não eram mais pecadores que seus ouvintes, por isso “se não vos arrependerdes, todos igualmente perecereis” (13.3,5).

Todo este contexto em que as **advertências, avisos, confrontos e estímulos** são dados, a caricatura dos judeus é formada – *um povo que precisa se arrepender*. A parábola da figueira estéril mostra que a oportunidade para o arrependimento será dada (13.1-9).

II. SIGNIFICADO DO TEXTO EM RELAÇÃO À SUA POSIÇÃO NO LIVRO

O bloco maior em que o texto se encontra está na maior porção do evangelho de Lucas, que compreende sua saída da galileia e ida para Jerusalém (9.51 – 19.27¹). É neste bloco, em especial, que as estruturas religiosas e modelos de salvação moralistas são questionadas. Aqui Jesus está se relacionando com mulheres, crianças e marginalizados – pessoas de má fama. Da mesma forma, ataca a postura dos judeus em relação à

¹ GUNDRY, Robert Horton. **Panorama do Novo Testamento**. Tradução: João Marques Bentes, Fabiano Medeiros e Valdemar Kroker. 3.ed. São Paulo: Vida Nova, 2008, p.273.

confiança na *justiça própria*. É por esta razão que não entendem a graça, a rejeitam (Lc 15.25-32) e, por ela, é rejeitada (18.9-14), especialmente as autoridades religiosas.

Assim, a parábola da figueira estéril nada mais é que a expressão em palavras da própria presença de Cristo, seu ministério e a vinda do Reino de Deus no meio de um povo que se chamava “povo de Deus”. O evangelho de Lucas demonstra, desde o início, que Jesus nasceu na casa dos pobres (2.24), em um contexto muito desorganizado e complexo, do qual pobres estão sempre sujeitos (2.1-7). A graça inverte os valores humanos, e por isso os anjos dizem aos pastores que encontrariam o Messias em uma manjedoura (2.12) – pastores estes que receberam uma revelação gloriosa (2.9) e ouviram um anjo dizer que *a boa-nova de grande alegria é para todo o povo* (2.10). A graça é para aqueles que Deus quer bem (2.14) e não para aqueles que merecem este bem (15.29,30; 18.11).

Todo este sentimento de *justiça própria* natural ao ser humano, porém patrocinado e financiado pela classe político-religiosa, precisava ser lançado fora. Israel precisava se arrepender. Assim, João Batista pregou o arrependimento genuíno às multidões (Lc 3.7-9) e, com palavras fortes, afirmou que a árvore estava para ser lançada ao chão e posta ao fogo (v.9). Jesus afirmou aos religiosos que veio para “apregoar o ano aceitável do Senhor” (4.19), por isso sua missão era chamar pecadores ao arrependimento (Lc 5.32), porém ambos foram rejeitados pelos religiosos (7.31-35).

Tais indivíduos, no fim, não esperavam que eles mesmos fossem considerados pecadores, porém, aqueles que eles sabiam que eram pecadores, estavam entrando no reino, eles, porém, ouviam Jesus chamá-los de lavradores maus (Lc 19.9-18).

Em resumo, a parábola da figueira estéril encaixa-se no contexto maior do livro como um chamado às multidões ao arrependimento. Para isto Jesus veio, e disto precisavam. Por isso, a misericórdia seria concedida na inauguração do Reino de Deus através da morte e ressurreição de Cristo.

III. SIGNIFICADO DO TEXTO EM RELAÇÃO A SUA POSIÇÃO NO CÂNON

O texto demonstra o relacionamento de Deus com Israel, como parte do plano de redenção. A nação foi chamada para ser um reino de sacerdotes (Ex 19.6), um povo que mediará a bênção messiânica às nações, como parte do cumprimento da promessa de Deus a Abraão (Gn 12.3).

A ela foi dada os oráculos de Deus (Rm 3.2), Moisés e os Profetas (Lc 16.31). Porém, naquilo que consistia a parte de Israel, e suas condições, ele falhou. Seu pecado subiu aos céus. Mataram os profetas, negaram-se a ouvi-los e endureceram seus corações. Entretanto, a promessa não dependia da fidelidade deles, mas de Deus. O Messias veio, e mesmo ele foi rejeitado.

Esta rejeição, natural ao coração do ser humano, não impediu a demonstração de misericórdia por parte de Deus aos judeus – muitos deles se converteram, conforme os registros de Lucas em Atos (2.41; 4.4).

Entretanto, o machado posto à raiz foi utilizado, e os status de “povo de Deus”, antes concedido à nação, em toda sua estrutura política, civil, social e religiosa, agora está presente na igreja (Ef 2.11-22), o corpo de Cristo (Ef 1.22,23). Aquela figueira não deu frutos, mas galhos dela foram enxertados na árvore que Cristo é.

Agora, no sentido geral, percebe-se a ênfase de Jesus em mostrar que é a falta de frutos que revela a condição precária da nação, não apenas em sentido coletivo, mas, também, individual. As pessoas estão secas, doentes espiritualmente. Elas estão mortas (Ef 2.1-3). Portanto, a falta de fruto demonstra, também, a necessidade de arrependimento genuíno, um que produza frutos. A bíblia é clara ao dizer que o Reino de Deus é para aqueles que renunciaram a si mesmos e confiam somente nos méritos de Cristo (Gl 2.16; 3.26), mas também diz que sem santificação ninguém verá a Deus (Hb 12.14).

Nisto, esta misericórdia divina em conceder oportunidades de arrependimento é considerável para a igreja, e para todo coração que percebe a si mesmo como pecador. Não podemos nos esquecer que é a bondade de Deus que nos conduz ao arrependimento (Rm 2.4), e a paciência torna todos inescusáveis (2Pe 3.9).

IV. ANÁLISE DO PANO DE FUNDO CULTURAL E HISTÓRICO

Segundo o *Comentário Bíblico Vida Nova*, era costume da época, plantar árvores frutíferas em vinhas², portanto, por mais incomum que seja para o leitor contemporâneo, não era para os ouvintes e leitores originais. Da mesma forma, é importante observar que faz parte da natureza essencial das figueiras certo egoísmo, pois “privam de crescimento

² CARSON, D. A. ... (ed). **Comentário Bíblico: Vida Nova**. Tradução: Carlos E. S. Lopes, James Reis, Lucília Marques P. da Silva, Márcio L. Redondo e Valdemar Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2009, p.1509.

vinhas e outras plantas à volta, uma vez que absorvem enorme quantidade de nutrientes do solo”³. Por esta razão, para Gundry, a figueira recebe só mais um ano de oportunidade⁴.

Há de se considerar, porém, que como esta árvore era importante na cultura e para o ideal do povo de prosperidade e calamidade. O *Novo Dicionário da Bíblia*, em seu verbete “Figo, figueira”, explica que o ato comum de plantar as figueiras nas vinhas levam à criação de uma expressão “sentar-se cada qual debaixo da sua videira, debaixo da sua figueira”, o que era um símbolo de bem-estar e prosperidade perpétuos. Entretanto, o fracasso na frutificação somando à necessidade de cortar a árvore, que exige paciência por seu lento crescimento (Pv 27.18), era sinal de calamidade nacional (Jr 5.17), o contrário, porém, sua produção e frutificação era sinal de paz e de favor divino⁵.

V. ANÁLISE DO TEXTO À LUZ DO ANTIGO TESTAMENTO

Israel, além de muitas vezes ser posto como uma vinha, é também relacionado à figueira (Os 9.10). Neste texto, o profeta está acusando Israel de seu pecado e idolatria, o que forma o tema do livro. Um povo sem conhecimento e sem entendimento, corre para os ídolos, e deles recebem respostas (Os 4.12).

Oséias os adverte de ter um espírito de prostituição (5.2), por isso, em sua enfermidade, foram buscar ajuda na Assíria (5.13,14). Ele os acusa de sua soberba (5.5; 7.10) e um falso amor (6.4; 10.2). Israel é como uma prostituta, pois abandona o amor de Deus para se deitar com ídolos.

Mas, assim como a parábola, o livro conclui com um chamado ao arrependimento, uma manifestação de misericórdia divina (14.1-9). Os pecados do povo o levaram à ruína (14.1), por isso precisam se arrepender (14.2,3). E a motivação para tal ato está exatamente na misericórdia e compaixão do Senhor, que curará a sua infidelidade, os amará de si mesmo e desviará a sua ira (v.4). De Deus procederá o fruto, não dos ídolos (v.5-8).

Além deste aspecto, deve-se considerar que o texto diz que o viticultor procurava frutos nela há três anos, o que na prática são no mínimo sete anos observando a figueira. Levíticos 19.23-25 diz que só poderia colher os frutos de uma árvore após três anos,

³ GUNDRY, 2008, p.294,295.

⁴ Ibid., p.295.

⁵ **FIGO, FIGUEIRA** In: DOUGLAS, J. D. (Ed.). **O Novo Dicionário da Bíblia**. Tradução: João Bentes. São Paulo: Vida Nova, 2006, p.507.

depois de plantada, sendo que no quarto ano todo fruto era considerado santo, como oferta de louvores ao Senhor (v.24), somente então, a partir do quinto ano, os frutos estariam disponíveis ao produtor. Na parábola, a indignação daquele viticultor é mais que justificável.